

A EVASÃO NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO: DIAGNOSTICO E POSSIBILIDADES EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO SUL DO BRASIL

SOARES, Augusto Codevilla¹

¹Acadêmico de Administração – FAT - UFPel *acodevillas@hotmail.com*

REZENDE, Adalgisa Maura Carvalho²

²Acadêmica do CST em Gestão Pública–FAT – UFPel *adalgisa.rezende@hotmail.com*

SANTOS, Elaine Garcia dos³

³Professora Adjunta - FAT – UFPel *elainezitzke@gmail.com*

INTRODUÇÃO

Este estudo é parte de projeto de pesquisa, desenvolvido em uma universidade pública no sul do Brasil e tem como objetivo revelar os fatores que contribuem para evasão no curso superior de Administração no período de 2009 a 2012. Conforme ampliação das vagas no ensino superior público brasileiro, a evasão também tem aumentado, o que infere um problema a ser tratado com atenção pela gestão da educação superior. O diagnóstico é etapa preliminar às ações futuras para minimizar a evasão das instituições de ensino superior – IES. O tema tem sido debatido e ações têm avançado no sentido de conter índices preocupantes, por meio de bolsas de permanência na universidade pública, que subsidiam moradia, alimentação, transporte, entre outras demandas. Observa-se que a situação não se limita às condições socioeconômicas dos estudantes. Questões de ordem acadêmica, expectativas do aluno em relação à sua formação e a própria interação dos estudantes com a instituição, parecem desestimular o estudante a priorizar o tempo e dinheiro para concluir o curso.

MATERIAL E METODOS

O estudo caracteriza-se como pesquisa quantitativa e qualitativa conforme Severino (2006), tendo como etapa preliminar a revisão bibliográfica sobre o tema em artigos publicados em periódicos Qualis, que é o conjunto de procedimentos utilizados pela CAPES para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. A população estudada foi de 28 evadidos, ou seja, o total dos alunos que abandonaram o Bacharelado em Administração, dos turnos vespertinos e noturnos, no período de 2009 a 2011. Desses, 11 concordaram em participar da entrevista, que se deu via contato telefônico, por e-mail e através de questionário concebido através do software *Lime Survey*. O tratamento dos dados foi por meio de análise de conteúdo com base em Vergara (2006), destacando variáveis numa perspectiva dedutiva, tendo em vista a relação dos fatos da evasão com a trajetória escolar desses entrevistados, assim como os motivos do abandono e os sujeitos envolvidos ou não nesse problema que a cada dia parecer ser mais expressivo nos cursos superiores no país.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 28 alunos do Curso de Administração, no período de 2009 a 2011, que foram identificados na situação “evasão”, 11 concordaram em participar da pesquisa. Do total, 63,6% são homens e 36,4% são mulheres. O intervalo de maior frequência está entre 20 a 29 anos de idade, o que compreende 72,7% dos respondentes. Os demais, 27,3%, variam de 30 a 51 anos, mas destes, apenas um tem a maior idade

do intervalo, ou seja, 51 anos. 27,3% tem ensino médio concluído em 1999, sendo que a metade deste percentual cursou o ensino médio em escola pública e a outra metade em escolas privadas na cidade e região. 63,6% dos investigados ingressaram nos anos de 2005, 2006 e 2008 e 36,4% iniciaram o Curso de Administração em 2009 e 2010. No que se trata do ano de abandono do curso, os dados mostram que 54,5% dos respondentes abandonaram no ano de 2009 e os demais 45,5% em 2010. Não houve evasão em 2011. No plano estrutural, a explicação para casos de pouca permanência na educação formal é o fator econômico (SOUZA e SILVA, 2003). A origem popular e as limitações de recursos financeiros acabam por restringir o planejamento de estratégias escolares de longo prazo, vislumbrando um cenário futuro. Fazer parte de uma categoria que está no caminho de concluir um curso superior em famílias, por exemplo, que têm pouco histórico de qualificação em nível de graduação pode validar a necessidade ou não da graduação. Na maior parte dos casos, a família fica sabendo aos poucos dessa decisão e em inúmeros, acaba por ratificar a sentença do aluno, no caso, o abandono do curso. Pondera-se que nem sempre o curso superior iniciado era a primeira opção dos estudantes. Ao questionar-se se o curso de Administração foi à primeira opção de ingresso na universidade pública, 72,7% responderam que essa graduação sempre foi sua primeira opção para ingressar na universidade pública. Mas 27,3% responderam não, onde justificam que sua primeira escolha estava com maior evidência no Curso de Direito e após no Curso de Publicidade. Também nota-se que mais da metade dos entrevistados tinham certeza do curso que pretendiam concluir. Mas, apontam também que tinham consciência do motivo que os levou a abandonar o curso, ou seja, 91% foram claros ao salientar que sua decisão não foi fortuita. Todavia observa-se que decisões ditas como definitivas nem sempre são, por fatores que dependem ou não desses entrevistados. Isso talvez seja fruto da modernidade líquida como esclarece (BAUMAN, 2001). Em estágio mais recente, a 'modernidade líquida' expressa por esse filósofo revela que o mundo é caracterizado pela mutação constante, pela fluidez de estruturas, determinando flexibilidade estrutural, organizacional e relacional. A partir dos estudos de Platt Neto et al (2008), Moraes e Theóphilo (2011), Falcão e Rosa (2008) dentre outros autores, elaborou-se uma relação de motivos que foi apresentada aos entrevistados, que são os seguintes: troca de trabalho e/ou emprego, aqui situa-se situações de trabalho formal ou não, assim como situações que caracterizam estágio remunerado; mudança no trabalho, como sair de uma filial e ir para outra em outra cidade ou local; transferência ou mudança para outra cidade, exceto o motivo trabalho/emprego; a necessidade de sustentar a família, que se dá por um trabalho informal ou expectativas de novo trabalho; carga horária de trabalho excessiva o que infere atrasos e/ou faltas frequentes; incompatibilidade de horário entre o trabalho e a universidade pública, o que infere concomitância de horário das aulas e de trabalho, o que é comum em cursos diurnos; reprovação em disciplina(s) do curso; reprovação mais de uma vez na mesma disciplina do curso, solicitando que informasse qual; prática de ensino adotada pelo professor que o evadido não aprova, informando características da didática desse professor(a); transferência ou mudança para outra cidade/estado/país; dificuldade(s) de aprendizagem de conteúdos em disciplina(s); dificuldade na realização das atividades fora da sala-de-aula; problemas de saúde com o evadido; problemas de saúde com familiar ou pessoa que o evadido cuida ou é responsável; expectativas diferentes com relação ao curso, ou seja, esperava mais do curso; ingresso em outro curso na mesma IES; ingresso em outra IES; não se vê como futuro administrador, falta de identificação

com o perfil de administrador; exigência demasiada de professor(a) na disciplina e pouco atendimento desse fora da sala de aula; e outro que não os anteriormente relacionados, totalizando 18 motivos. A partir de então, as respostas mostram que a alternativa de maior frequência é “carga horária de trabalho excessiva”, ou seja, carga horária acima de oito horas diárias, o que dificultou a permanência no curso, com percentual de 36,6%. Em segundo lugar, a resposta mais frequente com percentual de 27,3% foi a “incompatibilidade de horário entre o trabalho e a universidade pública”, pois relatam que parte da atividade laboral se dava em horário de funcionamento do curso. Ao buscar esclarecimentos sobre o fato, alguns respondentes explicam que saíam do estágio às 14h30min e que as aulas iniciavam às 14 horas, mas que depois houve alteração de horários na universidade pública e o turno vespertino passou a iniciar às 13:30h, o que tornou inviável a permanência desses, haja vista que já não dispunham de tempo nem para fazer uma refeição rápida. Já na terceira opção com mais frequência, 18,2%, foi a de que “esperava mais do curso – expectativas diferentes com relação ao curso”. Ao buscar esclarecimentos sobre este quesito, os entrevistados mencionam que imaginavam uma estrutura física mais atual, ou seja, softwares em laboratórios de informática, contendo simuladores em áreas da administração como finanças e planejamento, por exemplo. Também presumiam laboratórios de informática com configurações atualizadas nos hardwares e com acesso à internet de banda larga, assim como estabilidade dessas conexões. Infere-se, ainda, que expectativas maiores do que as vivenciadas no curso superior passam por compromissos institucionais, de forma a promover maior conexão entre a teoria e prática, entre o ensino e o mercado de trabalho, sem que o primeiro se torne refém do segundo. O segundo ponto com mesmo percentual e em terceira opção com mais frequência foi o Ingresso em outra IES, quando buscou-se saber os motivos por esta escolha, obteve-se que estariam indo para um universidade pública de mais qualidade e que teriam mais oportunidades nesta outra instituição. Dentre os demais motivos do abandono, pois parte dos respondentes assinalaram mais de uma causa, destaca-se a ocorrência de: troca de trabalho/emprego, mudança no trabalho, necessidade de sustentar a família, prática de ensino adotada pelo professor, transferência ou mudança para outra cidade, dificuldade de aprendizagem em disciplina(s), pouca identidade entre o perfil do egresso e o perfil do aluno e reprovação em disciplinas do curso, estas alternativas foram indicadas uma única vez pelos respondentes. Considera-se que a partir das contribuições de Souza e Silva (2003) que uma das variáveis para a evasão está no grau de identificação existente entre o agente e a instituição. O mundo da sala de aula para os alunos em geral, embora seja um espaço de acesso a conhecimentos é também um mundo com significado secundário, pouco importante. A relação intensa com uma rede social de colegas e/ou com alguns professores pode identificar uma relação mais profícua entre o espaço universitário e o interesse pela sala de aula, além desta relação fortalecer o ambiente de aprendizagem e atribuir melhores resultados acadêmicos e produções. Por isso, também se buscou saber se os entrevistados conversaram com o Coordenador do Curso sobre sua insatisfação na época e como se dava a relação com os docentes. Dos respondentes, 100% informaram que não conversaram sobre o assunto com o coordenador do curso de Administração. Após questionou-se se conversaram com algum professor do curso sobre sua intenção de abandono e outra vez, obteve-se a resposta de que 100% não falaram sobre o assunto com nenhum professor. Mas, 45,5% dos respondentes comentaram com algum colega de aula na época sobre a intenção de abandonar o curso, mas alegam que nunca consultaram a família sobre

a intenção de desistir do curso de Administração. Assim, parece que as redes sociais não foram significativas para a permanência desse aluno, assim como se infere que na rede social familiar a conclusão de um curso superior não se faz tão claramente.

CONCLUSÕES

A sensação de abandono infere sentimentos de perda, de fracasso. E tais sensações, nos remetem a um compromisso maior nos projetos pedagógicos em curso, reações que considerem ações que otimizem o diálogo, a conversa e talvez a permanência desse aluno na universidade pública, como a criação de uma rede de relacionamentos dos ingressos e egressos. Ações mais vigorosas que promovam atuação psicopedagógica prospectiva e não apenas reativa diante de um pedido de socorro eventual por parte de um aluno ou de um alerta de um professor. Ações mediáticas dessa natureza parecem ser cada vez mais necessárias e urgentes nesse novo cenário estudantil do ensino superior brasileiro. Paulo Freire nos ajuda a compreender que o caminho para conter a evasão no ensino superior se faz caminhando e para tanto há de se considerar o que bem salienta o educador quando destaca que “a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” (FREIRE, 2011)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FALCÃO, D. F.; ROSA, V. V. Um estudo sobre a motivação dos universitários do curso de administração: Uma contribuição para gestão acadêmica no âmbito público e privado. In: **32º EnANPAD**, Rio de Janeiro-RJ, 2008.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 34ª. Ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MEC—Ministério da Educação. **Diretrizes Gerais do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI**. Agosto de 2007. Elaborado pelo Grupo Assessor nomeado pela Portaria nº 552 SESu/MEC, DE 25 de junho de 2007, em complemento ao art. 1º, §, do Decreto Presidencial nº 6.096/07.

MORAES, J. O. de; THEÓPHILO, C. R.. Evasão no ensino superior: estudo dos fatores causadores da evasão no Curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. **Congresso da USP**, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.congressousp.fipecafi.org/artigos32006/370.pdf>. Acesso em 26 de outubro de 2011.

PLATT NETO, O. A. da; CRUZ, F.; PFITSCHER, E. D. Utilização de metas de desempenho ligadas à taxa de evasão escolar nas universidades públicas. **Revista de Educação e pesquisa em Contabilidade**. Brasília, v.2, art.4, p. 54-74. maio/agosto 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SILVA FILHO, R. L. L. et al. A evasão no ensino superior brasileiro. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, dez. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300007&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 27 out. 2011.

SOUZA E SILVA, J. de. **“Por que uns e não outros?”**: caminhada de jovens pobres para a Universidade. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2003.

VERGARA, S. C. **Métodos de coleta de dados no Campo**. São Paulo: Atlas, 2009.